

REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO CURRICULAR NO CENTRO DE APOIO E PROMOÇÃO DA AGROECOLOGIA, NÚCLEO PELOTAS.

ISADORA LEITE ESCOSTEGUY¹; GERMANO POLLNOW²; JAQUELINE SGARBI³; FÁBIO MAYER⁴; FLÁVIO SACCO DOS ANJOS⁵

¹ Graduanda de Agronomia UFPel – isaescosteguy@gmail.com

² Mestrando PPGSPAF/ UFPel – germano.ep@outlook.com

³Pós doutoranda PDJ/CNPq vinculada ao PPGSPAF/UFPel – sgarbijaqueleine@yahoo.com.br

⁴ Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia/CAPA – fanmayer@yahoo.com.br

⁵Professor FAEM/UFPel orientador – saccodosanjos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Entende-se Agroecologia como uma ciência integradora, a qual rompe com as correntes teóricas convencionais, baseadas na produção intensiva e no uso de agroquímicos (CAPORAL; COSTABEBER, 2000, 2004). Enquanto campo do conhecimento, a agroecologia auxilia no resgate do papel transcendental da agricultura familiar, permitindo a viabilidade econômica através da geração de renda, exploração e proteção do patrimônio ambiental, cultural e paisagístico (VIAN; SACCO DOS ANJOS, 2007).

Segundo, Finnato e Corrêa (2011, p. 280) “a Agroecologia tornou-se para além de uma alternativa de vida, uma alternativa de renda para os agricultores familiares”. Neste sentido, existem no extremo sul gaúcho, mais especificamente nos municípios de Arroio do Padre, Canguçu, Pelotas, Turuçu e São Lourenço do Sul, diversas experiências agroecológicas, as quais se encontram em diferentes estágios de desenvolvimento dessa forma de produzir. Essa diversidade de realidades só é possível graças à diversidade social, étnica, cultural e econômica do espaço rural da região, característica marcante do Território Zona Sul do Estado do Rio Grande do Sul¹ como um todo e ao trabalho de algumas organizações que propugnam estilos de agricultura mais acordes com os imperativos da sustentabilidade socioambiental.

Nesse sentido, conforme Finnato e Correa,

O sistema de produção agroecológico começou a se desenvolver em Pelotas na década de 1980 envolvendo, inicialmente, um número reduzido de agricultores. Com o avanço das iniciativas ocorreu a organização dos produtores em associações e cooperativas (FINNATO; CORREA, 2011, p. 280).

O avanço de iniciativas agroecológicas na região está intimamente ligado ao trabalho do Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA)², como principal responsável pelo auxílio à produção ecológica e atividades de extensão rural junto aos agricultores familiares da região desde a década de 1980.

¹ O Território Zona Sul Do Estado - RS abrange uma área de 39.960,00 Km² e é composto por 25 municípios: Aceguá, Arroio do Padre, Canguçu, Cerrito, Herval, Hulha Negra, Morro Redondo, Pedras Altas, Pedro Osório, Pinheiro Machado, Piratini, Chuí, Cristal, Jaguarão, Pelotas, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, Santana da Boa Vista, São José do Norte, São Lourenço do Sul, Turuçu, Amaral Ferrador, Arroio Grande, Candiota e Capão do Leão. A população total do território é de 863.956 habitantes, dos quais 151.765 vivem na área rural, possui 32.160 agricultores familiares, 3.615 famílias assentadas e 36 comunidades quilombolas. Seu IDH médio é 0,79 (MDA,2016).

² Até 2015 chamava-se Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, momento em que assume a nova denominação.

O CAPA é uma organização não governamental fundada em 1978 pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) (BUCHWEITZ; MENEZES, 2003). A principal luta do CAPA, desde sua criação, é a afirmação econômica, social e cultural da agricultura familiar, sempre em busca do desenvolvimento rural sustentável, seguindo os princípios da Agroecologia.

Diante dessa realidade, pretende-se discutir a importância da inserção de estudantes de graduação, especialmente do curso de Agronomia, através da realização de estágio curricular obrigatório e/ou como estágio voluntário, no que se refere ao acompanhamento das ações atualmente realizadas por esta organização. Como veremos a seguir, não se trata de uma ação meramente protocolar para cumprir com os requisitos formais do processo de formação, mas de uma oportunidade singular de conhecer experiências em torno à construção da agroecologia, o exercício de uma forma de extensão rural diferenciada, assim como dos esforços envidados por esta ONG para a viabilização de centenas de estabelecimentos familiares.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho é resultado de uma reflexão realizada sobre a experiência vivenciada pela primeira autora, acadêmica da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (UFPel) e formanda em Agronomia, junto ao CAPA - Núcleo Pelotas. O estágio ocorreu durante o primeiro semestre de 2016, compreendendo o período compreendido entre 15 de fevereiro e 10 de junho, totalizando 520 horas. Esta experiência permitiu que a graduanda acompanhasse diversas atividades ligadas à promoção da Agroecologia e extensão rural para a agricultura familiar na região de Pelotas-RS, além de desenvolver diversas ações práticas em conjunto com a equipe técnica do CAPA. O trabalho também se apoia no relatório final do estágio, que propiciou, em grande medida, as reflexões aqui apresentadas.

A fim de embasar este resumo, foi realizada uma revisão bibliográfica referente aos temas pertinentes a este trabalho, bem como uma análise sobre as vivências práticas desenvolvidas pela graduanda durante esse intervalo de tempo e que apontam para os desafios e possibilidades de construção da agroecologia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O CAPA, dentre suas atribuições e atividades, apoia iniciativas nas áreas de assistência técnica e extensão rural junto a agricultores familiares, voltando-se à formação associativa e cooperativa, trabalhando com grupos de mulheres, jovens e povos e comunidades tradicionais (comunidades remanescentes de quilombos), assessorando ainda agroindústrias familiares e movimentos populares. Atua também, na construção e execução de políticas públicas voltadas à agricultura familiar e desenvolvimento de pesquisas participativas. Tal organização vem contribuindo, desde a sua fundação, como um espaço pedagógico para a formação de futuros profissionais em diversas áreas de atuação, como agronomia, educação e comunicação.

As atividades desenvolvidas pela graduanda, em conjunto com a equipe técnica do CAPA, permitiram um contato direto com o ambiente profissional e os agentes (agricultores, técnicos, extensionistas, população rural) que propugnam uma outra forma de fazer agricultura em que a natureza e as pessoas estejam no centro das atenções e não os interesses do grande capital, como acontece atualmente no caso do agronegócio exportador.

Esse aspecto contribuiu, indubitavelmente para a ampliação dos horizontes da formação e aprendizagem da autora, além de possibilitar a aplicação prática de alguns conhecimentos adquiridos durante a graduação. Analisando essa trajetória pode-se aquilatar a dimensão dos desafios que envolvem o universo da agricultura familiar, além de reforçar o entendimento de que uma forma diferente de agricultura não é somente possível, mas, sobretudo, necessária para o momento que atravessa a humanidade. Uma forma de produzir onde prevaleça a justiça social, o compromisso com a tutela ambiental e a viabilização econômica dos estabelecimentos familiares.

Acredita-se que a realização desse tipo de estágio de conclusão de curso é capaz promover uma experiência educativa única e transformadora para a formação profissional; uma experiência baseada principalmente na troca de experiências entre agricultores, técnicos e estudantes, buscando uma ação integradora da universidade com a comunidade rural, aliando os saberes acadêmicos com os saberes tradicionais dos agricultores e agricultoras. Além disso, uma experiência que reconheça a interdisciplinaridade como um processo de construção e não como um objetivo utópico e/ou meramente ilustrativo e descolado da realidade.

Cabe ressaltar, que a conquista do saber não se dá exclusivamente por meio do ambiente acadêmico, mas, principalmente, no âmago das relações sociais em seu conjunto. O saber é uma produção coletiva dos homens que surge de sua atuação na vida real, por intermédio de suas relações com a natureza, com os outros e com ele próprio (BASTOS, 1991).

O período de estágio permitiu um processo educativo baseado na prática, respeitando e valorizando o saber empírico dos agricultores e de suas famílias, havendo assim, uma construção coletiva do conhecimento, onde o compartilhamento dos conhecimentos adquire enorme relevância. A forma de fazer extensão rural, a partir da realidade das pessoas, colocando suas demandas no centro da discussão, em lugar dos interesses comerciais das empresas vendedoras de insumos químicos, é também um aspecto crucial para entender a forma revolucionária no exercício da agroecologia.

Segundo Freire (1992), é através da prática de pensar a prática, que se tem a melhor forma de se chegar à teoria. O mesmo autor (1989, p.20), afirmou que “quanto mais alguém, por meio da ação, e da reflexão, se aproxima da razão da realidade, objetiva e desafiadora, tanto mais, introduzindo-se nela, alcançará o seu desvelamento”.

4. CONCLUSÕES

Por meio do estágio curricular foi oportunizado o acesso a conhecimentos, nas áreas de agricultura familiar, extensão rural e Agroecologia. Durante o estágio a estudante foi instigada a refletir e reconhecer a necessidade de aprimoramento de sua formação acadêmica.

Para além dos conhecimentos técnicos, foi possível repensar a forma de atuação profissional, onde não existe a simples transmissão de conhecimentos, mas a troca de saberes entre produtores e técnicos.

Nesse quadro, o estágio no CAPA e em outra instituição com atuação similar, propicia aos estudantes, uma oportunidade de integração com a realidade, permitindo, assim, a conciliação entre o saber acadêmico e o saber tradicional das comunidades rurais.

A partir dessa experiência, compreendeu-se o papel fundamental da ação conjunta do extensionista com os agricultores familiares no que tange aos

desafios para a construção do desenvolvimento rural sustentável. Nesse contexto, uma nova forma de extensão rural e extensão universitária, cobram importância como um fator indispensável para uma formação profissional social e culturalmente referenciada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, J. A. S. L. A. A Educação Técnico-Profissional - Fundamentos, Perspectivas e Prospectiva. 1. ed. Brasília: Editora SENETE/MEC, 1991. v. 1. 120p.

BRASIL - MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Sistema de informações Territoriais. Disponível em: <<http://sit.mda.gov.br/mapa.php?opcaomap=TC&modo=0>>. Acesso em: 04 de agosto de 2016.

BUCHWEITZ, S.; MENEZES, P. **O tempo compartilhado:** 25 anos do CAPA. Porto Alegre: Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, 192 p., 2001.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. Rev. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v.1, n.1. p. 16-37. 2000.

CAPORAL, F. R (Org.); COSTABEBER, J. A.(Org.). Agroecologia e extensão rural. **Contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável.** Brasília DF. MDA\ SAF\ DATER-IICA, v.1, 177 p., 2004.

FINATTO, R. A.; CORRÊA, W.A. Organização da agricultura familiar de base agroecológica em Pelotas/RS. Em Pauta: Campo-Território, **Revista de Geografia Agrária**, Uberlândia, v. 6, n. 11, p. 280-311, 2011.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 10^a ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1989. 93 p.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia - o cotidiano do professor.** 4^a ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992. 224 p.

VIAN, C. E.; SACCO DOS ANJOS, F. Caminhos e descaminhos da produção orgânica: duas experiências de certificação no sudeste e sul do Brasil. In: **XLV CONGRESSO DA SOBER**, Londrina, 2007. Anais (cd room)...